

Neologismo é Neologismo Mesmo?

Gheany Roberta Leal¹
Thalita Miranda G. Sampaio de Souza²

Resumo: Trataremos neste trabalho de compreender a produção de sentidos dos neologismos encontrados na obra *O Bem-Amado* de Dias Gomes, com o objetivo de analisar como essa construção de sentidos decorrida do neologismo ocorrem/proporcionam no uso da escrita. Para isso, são analisados que a memória discursiva possibilita essa construção de sentidos de um já dado, pois, a língua não é tomada pelo sujeito e sim, o sujeito é tomado pela língua. Deste modo, partiremos da linha teórica da Análise do Discurso, que consiste em analisar como um texto produz sentido a partir da estrutura da língua.

Palavras-chave: Memória discursiva; Falha; Língua; Dias Gomes.

Abstract: In this work we will treat production of meanings of neologism found in the work “*O Bem-Amado*” Wrote by Dias Gomes, aiming to analyze like the construction of meaning arising from the neologism happen/provide in the use of writing. To that, are analyzed that discursive memory enables this construction of meanings of an already data, because the language is not taken by the subject but, the subject is taken by the language. Therefore, we will start from of the theoretical line of discourse analysis, which consists in analyzing like a text produce meaning from the language structure.

Keywords: Discursive memory; Failure; Language; Dias Gomes.

É pelo caminho da Análise de Discurso que encontraremos o *como* e o *de que modo* acontece a produção de sentidos. Sabemos que os sentidos já estão dados, porém se ressignificam a cada novo dizer. Orlandi (1996, p. 80) afirma que: “O trabalho do analista de discurso é mostrar como um objeto simbólico produz sentidos, como os processos de significação trabalham um texto” a partir da colocação da autora, notamos que o simbólico não se priva apenas à escrita, ao contrário disso, se faz presente na língua como um todo.

Sabemos que enquanto leitores, pela Análise do Discurso o sujeito está ligado à linguagem de forma que nos sujeitamos à interpretação. Dessa forma, para compreender o contexto sócio-histórico em que o discurso se insere é de suma importância compreender as formações discursivas e as interpelações ideológicas.

Assim, observamos que no discurso não se finda a interpretação. As palavras não têm um

¹ Graduada em Letras pela UNEMAT, especialista em ensino de Língua Portuguesa e Literatura, professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Escola CEPTEL.

² Graduada em Letras, com mestrado e doutorado pela UNEMAT, é Professora na mesma universidade atuando na área de Linguística e Língua Inglesa.

sentido restrito, podendo sempre produzir sentidos diferentes, se as olharmos de diferentes ângulos e esse é o ponto de vista que dá o largada ao nosso objeto de pesquisa, mostrando que a linguagem produz sentido na não transparência.

Para a Análise de Discurso somos sujeitos a partir da língua. Observamos que este processo de construção do indivíduo em sujeito está diretamente unido à questão do sentido, uma vez que, segundo Orlandi (2012) somos interpelados em sujeito pela língua e a ideologia se materializa na língua. A materialização da língua se faz pela colocação do discurso e segundo Eliana de Almeida:

Uma língua, cuja materialidade significante é capaz de deslizamento e jogo e que trabalha nela mesma a constituição do sujeito e dos sentidos. Esse lugar estruturante da língua eu produz o real e o sujeito impõe o jogo espetacular como funcionamento discursivo próprio da língua e do sujeito, de modo que as falhas constitutivas dessa ordem estruturante reproduzem-se-lhes em falta e incompletude. (Almeida, 2011, p. 105.)

A falha é, portanto, a extensão em que o pronunciado está apto para tornar-se outro, diferenciado de si mesmo, se movendo no discurso. É pelo e no equívoco/falha que os sentidos deslizam. Nesse sentido Orlandi coloca que:

A língua é capaz de falha. Essa possibilidade - a da falha - é constitutiva da ordem simbólica. Por seu lado, o equívoco já é fato de discurso, ou seja, é a inscrição da língua (capaz de falha) na história que produz o equívoco. Este se dá, portanto, no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente. O equívoco é a falha da língua, na história. (Orlandi, 1999, p.13)

A leitura também não é transparente, ela se articula em meio aos sentidos, e deste modo, a Análise de Discurso coloca a interpretação em questão, investigando o real do sentido. O que o analista busca são as possibilidades de significação do objeto simbólico, juntamente os meios e os mecanismos que levaram a tal interpretação. Então não há uma verdade por trás dos textos, o que há, são mecanismos que nos levam à interpretação e o mais importante que isto, é saber como ele produziu o sentido.

O discurso está sujeito a se tornar outro devido a estar sendo interpretado de outra maneira, deslocando-se de um sentido e derivando para outro. Neste caso, temos em funcionamento a metáfora que é o deslizamento de uma palavra para outra. “Do mesmo modo, falamos a mesma língua, mas falamos diferente. Este deslizamento, a metáfora, própria da ordem simbólica, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade”. (Orlandi, 2001, p. 24). A metáfora, no entanto, não é uma ferramenta linguística, mas o funcionamento da língua. Em relação a isso Orlandi enfoca que:

O equivoco nos remete ao modo de funcionamento da ideologia: o que está presente por sua ausência necessária. O equivoco é estruturante e não de conteúdo. Todas essas características do sujeito e do sentido, funcionando ideologicamente, devem ser tomadas em conta pelo dispositivo do analista. De tal modo que o apagamento das evidências produzido pelo dispositivo do leitor. (Orlandi, 2001, p. 25).

Em relação à escrita, já sabemos que a linguagem não é transparente, este é o princípio da Análise do Discurso. Neste seguimento, não analisaremos a textualização do discurso político da obra, mas a política da língua que se concretiza na formulação do texto, assim, a interpretação toma forma na textualização do discurso.

Pela escrita temos acesso ao dispositivo de análise e a compreensão do elemento simbólico pelo sujeito, então:

A escrita da Análise do Discurso, por sua vez, invertendo o percurso que acabamos de apresentar, liga o texto ao discurso, este às formações discursivas e estas à ideologia permitindo ao analista em primeira instância e, ao seu leitor, em decorrência, acompanhar o trajeto em que se estabelecem os sentidos e os sujeitos pela inscrição da língua na história. (Orlandi, 2001, p. 51).

Com isso, entendemos de que maneira o deslocamento liga o texto ao discurso, seguindo também o caminho no momento em que se estabelecem os sentidos e os sujeitos pela língua. O sujeito passa a ser visto em sua natureza heterogênea, onde o “eu” deixa de ser o centro e senhor de si mesmo pela simples ocorrência de que o sujeito não é senhor de nada, já que os “outros” discursos passam através da língua a fazer parte da sua identidade.

O interdiscurso é o conjunto de fala já falado e por ventura esquecido, mas que está gravado na memória da língua, que vem a determinar o que dizemos. Essa memória vem com a história, materializando-se na língua, pois, tudo o que o leitor venha a ler, fica arquivado em sua memória discursiva, e acaba por ser esquecido, retomando quando necessário, vai se ressignificar através da colocação no discurso. Ou seja, o que é dito em outro lugar acaba por significar nas nossas palavras, sendo que para um contexto fazer sentido é preciso que minhas palavras já façam sentido.

Refletida dessa maneira, a história não pode ser idealizada como cronologia ou como progresso, pois sua essência está relacionada com o sentido. Com isso, as oportunas condições sócio-históricas estabelecem interpretações diferentes com o passar dos tempos e quando cada leitura é refeita. Assim, segundo Henry

[...] é ilusório colocar para a história uma questão de origem e esperar dela a explicação do que existe. Ao contrário, não há “fato” ou “evento” histórico que não

Neologismo é Neologismo Mesmo?

faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências. É nisso que consiste para nós a história, nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso. Isto vale para a nossa história pessoal, assim como para a outra, a grande História. (Henry, 2003, p. 51-52)

Observamos que a história é um sentido à espera de atualização, pois a cada reflexão em relação a ela vamos inserir novos sentidos, arranjos, ampliação ou retirar algumas colocações e interpretação. Então, o que se aguarda, é uma nova interpretação

Para Análise do Discurso, a história é a produção de sentidos e com isso, não vem a ser um contexto ou explicação, muito menos cronologia. A interferência da história no falar vem fazer com que o sentido seja provido de circulação

Lembramos então, que refletir a língua, é, portanto, tomar a história como materialidade da língua. Ressaltamos ainda, que a ideologia transforma os indivíduos em sujeitos, pois, os sujeitos existem a partir da língua. Essa transformação só é possível pelo assujeitamento do indivíduo à língua, um procedimento gerado na história.

Isto posto, nos anos 80, entre todos os acontecimentos um em particular contribuiu muito para linguagem. Após anos de pesquisa foi publicado um Dicionário mostrando a língua como ela é, com mais de 62 mil verbetes sobre o português falado no Brasil.

A publicação deste dicionário contribuiu muito para os professores e estudantes universitários, jornalistas, advogados e todo aquele que almeja escrever melhor, então havia surgido uma nova ferramenta de trabalho: o Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Francisco da Silva Borba, docente aposentado da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Resultado de duas décadas de pesquisa, a obra, ao contrário de outros dicionários, como Aurélio, Houaiss e Michaelis, inclinou-se sobre a língua como ela se evidencia, de fato, no Brasil. “É o primeiro dicionário elaborado a partir de uma pesquisa acadêmica desenvolvida em uma universidade”, esclarece o autor.

Publicado pela Editora Ática, o Dicionário tem 1.688 páginas e reúne mais de 62 mil verbetes, que mostram a língua efetivamente usada no País. “Não é um dicionário normativo, mas descritivo. Não busca, portanto, estabelecer o certo ou o errado, mas espelhar como as palavras circulam entre nós”, explica Borba. “Por isso, apresenta mais acepções que outros dicionários. E todas com exemplos. Isso permite entender melhor o uso de cada palavra, que é inserida em diferentes contextos sociais e lingüísticos.”

Então, observamos que o autor Dias Gomes quando escreveu a obra O Bem Amado, fez uso dessas recorrências, pois, já eram utilizadas na língua falada. Porém, foi adepto da sátira

para dar um tom de humor à obra, porque foi publicada na época em que a censura estava em seu auge.

A questão que mais se destaca na análise é que, nos deparamos que não existe de fato o Neologismo, neste trabalho observamos que os sentidos já estão dados pela memória, e é através dela que se é possível que se crie uma palavra a partir de uma que já exista, jogando e produzindo novo significado. No momento em que o autor coloca a palavra “pratrasmente” ela vem a partir de “para trás”, então ela não é nova, apenas dada pela memória por meio de um já dito, como afirma Orlandi (1999)

Observamos que a história da peça “Odorico, O Bem-Amado” espelha a própria história de seu autor: tantas vezes foi alterada, renomeada e interdita, como ele tantas vezes teve que mudar o rumo de sua vida, trocar de nome, sofre perseguições, cassações, interdições. Só numa coisa diferem com certeza criatura e criador: se no primeiro caso o codinome O Bem-Amado indica ironicamente um simpático *mau-caratista*, como diria Odorico na língua que o caracterizou na televisão, *emboramente* tendo seu nome gravado nos anais e menstruais da *História de Sucupira*, o segundo identifica o escritor sério e competente que integra o quadro da dramaturgia nacional.” (Dias, 2009, p. 31). Essa obra idealiza um momento admirável por ter passado por várias adequações para línguas diferentes. Pois, o sujeito é mestre de seus dizeres e determina o que diz, mas será apontado pela exterioridade na relação com os sentidos.

Nosso objeto de pesquisa a obra O Bem-Amado, não foi escolhido por acaso, em meio às leituras escolhidas para o tempo vago e entre as leituras literárias, esta em especial nos chamou a atenção pelo fato de ter palavras um tanto intrigantes, que despertou a curiosidade de saber o porquê de estarem ali e empregadas de tal modo. O curioso na verdade, foi o fato de serem palavras já conhecidas, porém, com sentidos diferentes e usadas em um determinado contexto. Desta forma, fui buscar o significado de algumas delas e essa busca nos levou ao neologismo, então nos questionamos, o neologismo é mesmo a criação de algo novo?

Em meio à língua, as variações se tornaram um objeto de pesquisa de vários estudiosos, que juntos uniram-se em uma ciência chamada Sociolinguística. Temos conhecimento de que a língua não é fechada e isso é o que causa a variação. Sabemos também, que a língua é regida por normas, assim como nós (pessoas) somos regidos por leis, porém a língua não se reduz à norma culta, ela se concebe também por um conjunto de variações em relação às normas e no ambiente da enunciação, os espaços das línguas se dividem.

Pensando então, na possibilidade de deslizamento da língua, o que seria o neologismo? Este termo é conceituado através da sociolinguística, como a criação de uma nova palavra que

se dá a partir de outra que já existe. Sendo assim, tomamos os trechos da obra onde mostram essa colocação do neologismo:

ODORICO

Sei. Parece que o senhor teve um desaguado com o finado Coronel Lidário... Mas o acontecido prastramente não conta. O que vale é o que o cidadão possa fazer prafrentemente. (Gomes, 1962, p.37)

ODORICO

Dirceu Borboleta está meio gira. O que ele fez já é uma prova de desmiolamento. Matar a mulher, que era uma santa, com seis tiros, só um louco faz isso. Além do mais, vocês sabem, ele tinha a mania de caçar borboletas. Era um borboletista juramentado. Passava o dia todo com aquela rede, pelos matos, borboletando, nem ligava pra mulher. De-repentemente... vocês não acham que tudo isso são sintomas de loucura? Vou chamar um especialista da capital e vocês vão ver. (Gomes, 1962, p.69)

A partir deste trecho da obra, podemos perceber que o neologismo se dá quando o sujeito quer se expressar de alguma forma, mas não encontra em sua memória a palavra ideal para que se encaixe no significado desejado. Este ato atesta sua onipotência. Segundo Orlandi (2005, p. 58-75) “[...] a ilusão da onipotência do sujeito-leitor, o qual acredita o discurso nasce dele em vez de ser retomado por ele, e a ilusão da onipotência do sentido, que julga realidade o pensamento do sujeito ao rejeitar o não-dito.” Então, se o sujeito se acha tão onipotente como ele não é capaz de encontrar um sentido desejado para dar às palavras? O sujeito não é onipotente e muito menos determina algo. O que se dá é justamente o contrário, não é o sujeito que determina a significação, mas sim a língua que o determina. Ela é a possibilidade de sentido e faz significar os sujeitos.

A linguagem se constitui pela Análise de Discurso enquanto fluida e também enquanto possibilidade de sentidos. A língua que é falada nas ruas faz significar, os termos não oficialmente reconhecidos pelas gramáticas ou que não estão inseridos no dicionário e ainda assim, produzem sentidos, como por exemplo, as gírias. E do mesmo modo os neologismos utilizados na obra, da mesma maneira estão significando de forma que já estão gravados na memória discursiva do sujeito.

Como já colocamos anteriormente, o que caracteriza a Análise do Discurso é o discurso e suas condições de produção, partindo disto, fizemos uma relação dos neologismos que estão presentes na obra O Bem-Amado, para que seja possível compreendermos como os sentidos vão além do que propõe o conceito de neologismo.

Essa descrição foi realizada com o auxílio de dicionários e tem como finalidade, verificar quais das palavras são neologismos e quais estão em uso:

PALAVRAS	HOUAIS	AURÉLIO	AULETE DIGITAL	LAROUSSE
AGORAMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
ACANHAMENTO	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
ATEÍSTAS	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
BORBOLETISTA	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
BESTIFICADO	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Não tem
BENZEMENTO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
CALUNIAMENTO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
CORREGIONÁRIOS	<i>Tem</i>	Tem	<i>Não tem</i>	Tem
COMPENETRASSE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
CONTRAPRODUCENTE	<i>Tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
DEFUNTICE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
DEFUNTAR	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Tem</i>	Não tem
DESPERNITENTES	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
DESCONSTRANGIDOS	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
DEVERASMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
DESCONFIRMAR	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
DESPROCEDENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
DESMIOLAMENTO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
DE-REPENTEMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
ESPAVORIDO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Tem</i>	Não tem
ESCANDALOSAMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Tem</i>	Não tem
ENTREMENTEMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
FÉRETRO	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
FAZEDOR	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Tem</i>	Não tem
FUNCIONALISMO	<i>Tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
FINALMENTES	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Tem</i>	Não tem
FLOREADO	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
GAZETISTA	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Tem</i>	Não tem
JURAMENTADAS	<i>Tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Tem
JENIPAPISTA	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
JURAMENTISTA	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
JENIPASPAÇÃO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
MALECICÊNCIA	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Não tem</i>	Não tem
MERITISMO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
MAU-CARATISTA	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
MUNICIPALIDADE	<i>Tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
NERVOSAMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Tem</i>	Não tem
NAMORISMO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Tem</i>	Não tem
OBSTANTEMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
PATIFENTO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
PREVIDENTES	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Não tem</i>	Tem
PACATISMO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
PRATRASMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
PRAFRENTEMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
SOLITUDE	<i>Tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Não tem
VENDOLA	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Tem</i>	Não tem

VERANISTAS	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
------------	----------------	-----	------------	-----

Podemos perceber que, a maior parte das palavras ainda não fazem parte dos dicionários. O interessante aqui é pensar que tais palavras não se apresentam no dicionário, mas produzem sentidos, estão significando na obra: “*ODORICO Povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, ratificação, a autenticação e por que não dizer a sagração do povo que me elegeu.*” (Gomes, 1962, p.14). As palavras também, fazem significar a função autor. Os “neologismos” se caracterizam na obra como uma marca da autoria, tendo em vista que, o autor poderia empregar as palavras do modo como sempre ocorre, mas, no entanto não é isso que acontece na obra, pois, temos palavras outras funcionando. O que é interessante pensar, é que os neologismos significam na obra literária e também na língua, em seu aspecto fluido, porque há essa possibilidade de deslizamento de sentidos.

Agoramente retoma os sentidos da palavra *agora*, ainda que esteja escrita em uma forma diferente, pela memória da língua, os sentidos que se constitui no texto para *agoramente* são os mesmos que o da palavra *agora*. Essa nova forma faz significar os sentidos já estabelecidos, mas que são trabalhados em uma forma diferente pela autoria. Por mais que cause um estranhamento, o leitor consegue identificar e buscar na memória um sentido para essa palavra.

Dessa maneira, Gallo (1992, p. 58) coloca que:

A assunção da autoria pelo sujeito, ou seja, a elaboração da Função-Autor consiste, em última análise, na assunção da “construção” de um “sentido” e de um “fecho” organizadores de todo o texto. Esse “fecho”, apesar de ser um entre tantos outros possíveis produzirá, para o texto, um efeito de sentido único, como se não houvesse outro possível. Ou seja, esse “fecho” torna-se “fim” por um efeito ideológico produzido pela “instituição” onde o texto se inscreve: o efeito que faz parecer “único” o que é “múltiplo”, “transparente” o que é ambíguo.

O autor assume sua função e percebe que somente ele (o autor) é que pode assumir o final, assumindo ainda a autoridade dos sentidos construídos.

Segundo Foucault, “A função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade.” (Foucault, 2002b, p. 46). O sujeito se ocupa da posição de autor, por isso, a função autor não existe sem a obra. De modo que, ao realizar a leitura da obra o sujeito se desloca para posição de autor, pois ele é quem conduz as interpretações, ainda mais, se o livro for de uma época diferente da que se vivem, os sentidos e interpretações no “hoje” podem e serão totalmente diferentes para cada leitor.

Em relação à memória, sabemos que é coletiva e não individual, pois, adquirimos nossas idéias por meio da língua e como consequência obtemos também, a ideologia. Através disso, construímos novas idéias e a partir da linguagem articulamos saberes de diversos campos e formações discursivas.

Dessa forma, o neologismo vem a ser analisado dentro de um contexto, no caso da obra em estudo é a palavra usada que se dá através do deslizamento da língua, o que ocorre com o personagem Odorico Paraguaçu em sua fala: “**ODORICO** - *Meus concidadãos! Este momento há de ficar para sempre gravado nos anais e menstruais da História de Sucupira!*” (Gomes, 1962, p. 28), lembramos aqui de memoriais, pois nos memoriais é onde se guarda a memória. Quando o personagem faz uso das palavras “*anais*” e “*mestruais*” estas vão significar pela memória discursiva no texto, enquanto deslizamento das palavras memoriais. A fonética da desinência de número da palavra memorial e da palavra anais, que é o relato dos acontecimentos de cada ano de um determinado grupo, faz significar a palavra menstruais que soma o sentido de memoriais/anais com o de mês. Observe que estas (as palavras) terminam com o sufixo “*ais*”, em ambas, acontecendo o deslizamento de sentido, o deslizamento da língua, se flexionando em plural, mesmo com um significado esse deslizamento proporciona ao sujeito empregar um novo sentido a essa palavra existente.

Na memória, como afirma Orlandi (2001) é onde estão as formulações e pensamentos já efetuados. A autora afirma que a memória discursiva sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas e que voa construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. [...] aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Todavia, não somos donos da língua.

É pela memória que os neologismos significam não só na obra de Dias Gomes, mas também na língua em si. Portanto, o que temos é uma ressignificação e não a criação do “neo/novo”, pois, o discurso se constitui a partir da memória e do esquecimento, e mesmo que busquemos em nossa memória e não encontre a palavra desejada, o sentido vai se construindo a partir de outros sentidos e ainda que o sujeito não tenha consciência desse movimento da língua ele acontece.

Segundo Pêcheux (1999, p. 52):

A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação

Neologismo é Neologismo Mesmo?

ao próprio legível.

Ou seja, faz emergir um sentido sobre os já existentes. Então, Orlandi (2001, p. 54) afirma ainda que “a memória tem características quando pensada em relação ao discurso e nessa visão ela é tratada como interdiscurso, é o que chamamos de memória discursiva. Essa memória vem com a história, colocando-se para fora falando com outras palavras.” Sabemos dessa forma, que as palavras não surgem do nada, elas vêm da memória, é o que já colocamos antes, vem da memória da língua essa busca pelos sentidos, nada é novo já está dado, portanto ressignificando.

Ou seja, o que é dito em outro lugar acaba por significar em nossas palavras. Para que um contexto faça sentido é preciso que minhas palavras já façam sentido. Vejamos isso em funcionamento no trecho da obra:

ODORICO

Então vamos escolher o terreno.

DIRCEU

A prefeitura só tem um, mas está ocupado.

ODORICO

Ocupado? Por quem?

DIRCEU

Pelo circo.

ODORICO

Ora, o circo que se muda. Chega das palhaçadas de antigamente. Prafrentemente, vamos tratar de coisas sérias. Pode levar isso daqui. (Gomes, 1962, p.17)

Observamos que a palavra “Prafrentemente”, embora não esteja contemplado nos verbetes dos dicionários, retoma os sentidos da locução prepositiva *para frente* e significa pela memória discursiva que constitui os sentidos desta locução prepositiva. O interdiscurso se dá nessas associações entre as palavras e os sentidos que ativam na memória.

Então, considerando a memória discursiva no recorte em estudo, ela (a memória) afirma que a repetição é o que possibilita o sentido vir a ser outro, em relação a esse fator Orlandi coloca que: “(...) a necessidade de se pensar o gesto de interpretação como lugar de contradição: é o que permite o dizer do sujeito pela repetição (efeito do já-dito) e pelo deslocamento (historicização)”. (Orlandi, 1998, p.16). Assim, o sujeito se origina a partir dos sentidos.

Tomemos então, para leitura um trecho da obra:

ODORICO

(*Continuando o discurso:*) Botando de lado os entretantos e partindo prós finalmente, é uma alegria poder anunciar que prafrontemente vocês já poderão morrer descansados, tranqüilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. E quem votou em mim, basta dizer isso ao padre na hora da extrema-unção, que tem enterro e cova de graça, conforme o prometido. (Gomes, 1962, p.14)

Destacamos a palavra *desconstrangido*:

Constrangido = radical;

Constrangido + o prefixo *dês* = ***Desconstrangido***

Notamos que mesmo se pensarmos a língua em sua estrutura gramatical, a palavra vai significar por um já dito. Esse prefixo e esse radical já têm um sentido que ao serem fundidos em uma só palavra, estão apenas se resignificando neste já dito, portanto não há nada “criado” e sim, sentidos que são retomados.

Enfim, chegamos à conclusão de que o que há não é a resignificação de palavras já dadas e que foram gravadas na memória discursiva do sujeito. Sabemos que, as palavras não surgem de formas aleatórias, do nada, no entanto, que não é assim que funciona, pois, se ocorresse de maneira seria uma língua a parte, sem história, sem memória. O sujeito se significa através da língua, então definitivamente não é novo, e sim um “novo” sentido para tais palavras, que já foram dadas, é como se disséssemos que são novas, mas como, se já estão na memória da língua do sujeito?

As palavras destacadas não se apresentam como novas de fato, o que se apresenta de novo são os sentidos. Com o desenvolvimento dos estudos, percebemos que acontece a resignificação dos sentidos já dados a uma palavra que já tenha sido inserida na língua, e que está centrada na memória da língua do sujeito.

A Análise do discurso, por sua vez procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é única, cada um tem sua especificidade. Somos tomados pela língua, ela vai se manifestar conforme a condição de produção de cada falante. Então, o sujeito vai se transformar através do discurso, portanto o que importa aqui é a língua significando, falada pelos indivíduos e produzindo sentido em sua vida é isso que nós enquanto analistas trabalharemos na A.D.

Concluindo, sabemos que na análise não há de forma alguma sentidos sem interpretação, o objetivo neste trabalho foi compreender de que forma os neologismos empregados na obra faziam sentido. Através disso, compreendemos que o que está funcionando é a memória discursiva, ela nasce da possibilidade de toda formação discursiva que produz e atua em formulações anteriores, que já foram dadas e já foram proferidas. Em outras palavras, a memória discursiva admitirá em sua vasta rede de elaboração o surgimento, a exclusão ou a transformação dos enunciados que pertencem as concepções discursivas colocadas historicamente, ou seja, permite que a língua deslize e que ocorra a resignificação e não a

criação de uma nova palavra, e sim um novo sentido.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**, São Paulo: Publifolha, 2008.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. In: **Manual de linguística**. Mário Eduardo Martelotta (org.). São Paulo: Contexto, 2009.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIAS, José. **Odorico Paraguaçu, O Bem-amado de Dias Gomes: História de um personagem larapista e maquiavelento**. São Paulo, 2009.

DI RENZO, Ana; MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da; OLIVEIRA, Tânia Pitombo de. (Orgs.) **Linguagem, História e Memória – discursos em movimentos/ Ana Di Renzo, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta e Tânia Pitombo de Oliveira**, Campinas: Pontes Editores, 2011.

GADET, F. & HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

HENRY, Paul. A história não existe? In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 29-55.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**, 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2009.

MELO, C. (1999). **Cartas à redação: uma abordagem discursiva**. Tese de doutorado em linguística, Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/Universidade de Campinas - SP.

ORLANDI, E. **A Linguagem e seu funcionamento**. Brasiliense, São Paulo, 1983.

ORLANDI, E. O Inteligível, o Interpretável e o Compreensível. In: **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2005.

ORLANDI, E. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras: 1996.

Disponível em: <<http://www.biografia.inf.br/dias-gomes-dramaturgo-autor-de-novelas.html>>
acessado em: 23/05/2014.